

O NOME DA MENINA

Ana Paula Guimarães*

Era uma vez um rei e uma rainha que tinham um grande desgosto por não terem filhos que lhes sucedessem. Um dia nasceu-lhes uma menina e eles logo a baptizaram com o nome de ELO...

Um dia apareceu um senhor muito sábio com uns olhos muito grandes. Vinha de outras paragens e quando viu a menina e soube nome dela, disse-lhes assim:

“Das duas uma: ou as pessoas se fazem ao nome que lhes puseram no baptismo, ou ele tem de seu o bastante para marcar a cada um.”¹

De nós para os nomes, nós nos ligam. Porque, de facto, nascemos duas vezes: quando nos dão à luz e quando nos dão a luz do nome.

Terá havido um tempo em que faltavam nomes. Os objectos apontar-se-iam com o dedo se fosse caso de haver Homem que os designasse. No relato bíblico só ao fim de uma semana de criação é que Deus conduz os animais campestres e as aves do céu até Adão “para ver como ele os chamaria, e para que tal fosse o nome de todo o animal vivo, qual o homem o chamasse.”²

Quando esta passagem é reescrita por Christian Bobin em *Um Deus à Flor da Terra*, esse diálogo entre duas classes de seres acontece ainda pela via do Nome, o que ao Homem é dado conferir e ao animal receber:

Os animais, junto de Deus, viviam longe do seu nome. Eles conservam dentro de si alguma coisa desse primeiro silêncio. Por um lado, derivam de Deus, e por outro derivam do homem. Erram, receosos, entre ambos. É a estes começos que Francisco de Assis regressa ao pregar às aves. Dando-lhes um nome, o homem encerrava-as na história dele, no flagelo da sua vida e da sua morte. Falando-lhes de Deus, Francisco liberta-as desta fatalidade, reenvia-as ao absoluto donde se escapou como de um viveiro aberto.³

Mais tarde vieram os equívocos, as discussões para saber se as palavras nascem da realidade ou se colam a ela, depois de nascidas, parecendo dizê-la correctamente. Vieram também alguns poetas para devolver às coisas o seu nome certo.

Ao sonho de adequar as palavras aos objectos que designam responderam os académicos da Escola de Idiomas das *Viagens de Gulliver* de Swift, avançando com uma proposta aliciante mas pouco praticável: abolição completa e universal de todas as palavras, que sendo, afinal, meros nomes das coisas, se tornariam desnecessárias na medida em que os homens pudessem comunicar directamente com os objectos transportados no bolso ou debaixo do braço de cada cidadão. Conta o narrador uma conversa a que assistiu entre dois sábios, carregadíssimos com os seus pesados fardos, proporcionais à complexidade dos seus pensamentos.

* Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. Av. de Berna, 24. 1000 LISBOA. Portugal.

¹ José de Almada Negreiros, *Nome de Guerra*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1992, p.27.

² *Génese*, 2, 19-20

³ Christian Bobin, *Um Deus à Flor da Terra*, Lisboa, Difel, 1993, p.75.

Encontraram-se na rua, puseram as cargas no chão, abriram as sacolas e conversaram durante mais de uma hora. Terminada a conversa, meteram a carga nas respectivas sacolas —ajudando-se mutuamente— e despediram-se.

Mas, nem mesmo em ficção, é concebível viver sem nomes; de resto, como se contariam as histórias? Do outro lado do espelho, num bosque onde nada tem nome, Alice, personagem de Lewis Carroll, desorienta-se, não conhece nem se reconhece, não pensa sequer.

Ficar sem nome ou esquecer todos os nomes revela-se, pois, indesejável, senão mesmo, perigoso. Conforme uma expressão de José de Almada-Negreiros no romance *Nome de Guerra*, “proceder como anónimo é contra as regras do jogo”⁴. Porque a integração social pressupõe a necessidade de um nome, civilmente o ser só existe depois do nome dado, como se fosse ele a fecundar o Homem de sociabilidade, a ligá-lo a uma memória e a organizar a existência humana numa teia de relações.

Na lei romana, os escravos não tinham direito a nome legal porque também não eram pessoas com existência legal. Para os Celtas, o nome era sinónimo de alma e respiração. O nome é que dá o fôlego. Um ser sem nome é um ser desalmado e morto⁵.

Dito à maneira de Montaigne no capítulo de *Essais* sobre nomes, a questão é esta:

il se dit qu’il fait bon avoir bon nom, c’est-à-dire crédit et réputation; mais encore, à la vérité, est-il commode d’avoir un nom beau et qui aisément se puisse prononcer et retenir, car les Rois et les Grands nous en connaissent plus aisément et oublient plus mal volontiers; et, de ceux-mêmes qui nous servent, nous commandons plus ordinairement et employons ceux desquels les noms se présentent le plus facilement à la langue.⁶

Rege este artigo⁷— oferta de baptismo à revista *E. L. O.* —um fio condutor: a linguagem dos Homens impõe um nome às coisas, não deixa que existam sem uma palavra que as diga e as sossegue.⁸ Mais: existe um ELO ligando o ser ao nome, o qual se deseja mágico, propiciatório, fecundo.

Práticas tradicionais portuguesas a seguir enumeradas revelam quanto é grave o risco de não ter nome. Porque um ser sem nome é um ser à deriva, solto e à solta, sem nós que o liguem à trama a que pertence, há que chamar ao recém-nascido um nome que o impeça, em caso de morte prematura, de ir para o limbo, e que, em caso de vida, o proteja contra a vontade das bruxas em lhe sugar o sangue. Ainda que provisoriamente, é urgente anular a disponibilidade da criança para ser, de noite, levada pelas bruxas. Por isso, antes do baptismo e antes do acto essencial da escolha do nome, a criança receberá o nome de Custódio. De facto, se a protecção acontece, é porque essa ligação ao nome assegura a ligação ao anjo respectivo: o anjo Custódio, o anjo da Guarda, protector contra o diabo.

⁴ José de Almada Negreiros, *op. cit.*, p.32.

⁵ "Na língua dos acádios ser e nomear são sinónimos. Em acádio 'o que quer que seja' exprime-se pela locução 'tudo o que tem um nome'", Julia Kristeva, *História da Linguagem*, Lisboa, Edições70, 1974, p. 82.

Cf. sobre nomes: Arnaldo Saraiva, *Um Nome para o Seu Filho e para a Sua Filha*, Porto, Unicepe, 1986; Francisco Martins Ramos, *Alcunhas Alentejanas*, Monsaraz, 1990.

⁶ Montaigne, *Essais*, Paris, Livre de Poche, 1994, p.404.

⁷ Numa versão francesa: "M. Poupard pourquoi vous appelez-vous René?" in *Mélanges* (em homenagem a René Poupard), Univ. Mons (entregue para publicação em 1991).

⁸ "para falar (da natureza) preciso usar da linguagem dos homens/ Que dá personalidade às coisas./ E impõe nome às coisas." Fernando Pessoa, *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, org. Teresa Sobral Cunha, Lisboa, Presença, 1994, p.76.

A narrativa seguinte recolhida no Norte de Portugal atesta bem a importância do baptismo, do nome de Custódio e também da oração das doze palavras, dedicada ao anjo protector:

A uma pobre mulher que já tinha numerosos filhos nasceu um dia outra criança de que ninguém na aldeia queria ser padrinho nem madrinha porque toda a gente já havia apadrinhado alguns dos seus filhos. Saindo a procurar pelos caminhos, a mulher encontrou uma velha (que era Nossa Senhora) que aceitou ser madrinha e as duas puseram-se à procura de padrinho. Encontraram então um senhor muito elegante (o Diabo) que cedeu ao pedido sob esta condição: *Virei buscá-lo dentro de seis anos se ele não souber recitar-me as Doze Palavras*. A mãe, sem se aperceber da armadilha contida nesta grave cláusula, concordou e deu à criança o nome de Custódio.

O padrinho abandonou logo a criança, enquanto a madrinha nunca o deixou e conseguiu ensinar-lhe as Doze Palavras de tal maneira que aos seis anos já as recitava integralmente.⁹

Eis uma das inúmeras versões desta oração das “12 Palavras Ditas e Retornadas”, também chamada “Palavrinhas de S. João”, um conjuro eficaz contra o Diabo que reproduz um diálogo entre ele próprio e a pessoa disposta a resistir-lhe:

Diabo: Custódio amigo, tu queres ser santo?
Pessoa: Custódio sim, amigo não!
Quero sim pela graça de Deus,
E do divino Espírito Santo.
Diabo: Hás-de dizer-me doze palavras ditas e retornadas. Quais delas é a primeira?
Pessoa: A primeira é a casa santa de Jerusalém
donde Cristo, senhor nosso, padeceu por nós, amen.
Diabo: Custódio amigo, tu queres ser santo?
Pessoa: Custódio sim, amigo não!
Quero sim pela graça de Deus,
E do divino Espírito Santo.
Diabo: Hás-de dizer-me doze palavras ditas e retornadas. Quais delas é a segunda?
Pessoa: A segunda são as tabuinhas de Moisés
Donde Cristo, senhor nosso, pôs os seus divinos pés:
e a primeira é a casa santa de Jerusalém
donde Cristo, senhor nosso, padeceu por nós, amen.
Diabo: Custódio amigo, tu queres ser santo?
Pessoa: Custódio sim, amigo não!
Quero sim pela graça de Deus,
E do divino Espírito Santo.
Diabo: Hás-de dizer-me doze palavras ditas e retornadas. Quais delas é a terceira?
Pessoa: A terceira são as três pessoas da Santíssima Trindade;
e a segunda são as tabuinhas de Moisés
Donde Cristo, senhor nosso, pôs os seus divinos pés:
e a primeira é a casa santa de Jerusalém
donde Cristo, senhor nosso, padeceu por nós, amen...

...e assim por aí fora, sendo “a quarta” “os quatro evangelistas”, “a quinta” “as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo”, “a sexta” “os seis celebrantes”, “as sete” “os sete pecados mortais”, “as oito” “os oito coros de anjos”, “as nove” “os nove meses de Nossa Senhora, que trouxe o seu amado filho no seu divino ventre”, “as dez” “os dez mandamentos”, “as onze” “as onze mil virgens...” (... do Algarve, nesta versão recolhida por Consiglieri Pedroso), “as doze” “os doze apóstolos”.

⁹ Moisés Espírito Santo, *A Religião Popular Portuguesa*, Lisboa, A Regra do Jogo, s/d, p.151.

À pergunta “quais são as treze?” responde, no final da oração, *Nossa Senhora*:

Treze raios tem o Sol,
Treze raios tem a Lua
Arrebenta Diabo,
Que esta alma é de Deus, não é tua!¹⁰

Dita sem enganos, de preferência dobrada (repetindo sempre o antecedente), e, segundo alguns informantes, não dizendo as palavrinhas numeradas “primeira”, “segunda”, “terceira”... mas sim, “elas uma”, “elas duas”, “elas três”... — esta oração consegue mesmo pôr as feitiças nuas. E... se a oração não for recitada até ao fim, as feitiças terão de ir a casa de quem a esteve a recitar e pedir-lhe que a acabe para que se possam voltar a vestir.¹¹

Mas se permanecer sem nome se revela perigoso pela fragilidade que apõe ao ser, vulnerável por não estar inscrito na ordem social, não menos se arrisca quem deixa que o seu nome secreto se torne conhecido. Um antigo mito egípcio mostra como se domina o outro a partir do conhecimento do seu nome: para conhecer o nome do deus supremo Rá e mantê-lo, deste modo, sob o seu domínio, a

“deusa feiticeira Isis conseguiu que o deus fosse mordido por uma serpente mágica e, quando o viu agitar-se nos espasmos causados pelo veneno, insinuou-lhe: *Só vive o homem que pode ser chamado pelo seu nome*. O deus resistiu: *Tenho muitos nomes, tenho muitas figuras — respondeu — e a minha figura está em todos os deuses. Meu pai e minha mãe disseram-me o meu nome mas ele permaneceu escondido no meu corpo, para que a nenhum feiticeiro fosse dado poder mágico sobre mim*. Mas com as entranhas queimadas pelo veneno, Rá vê-se obrigado a revelar o nome e a entregar-se ao arbítrio da deusa feiticeira. Só então Isis, a grande Isis, princesa dos deuses, que conheceu Rá pelo seu verdadeiro nome, pronunciou a fórmula contra as serpentes.¹²

Um dos contos de Grimm desenrola-se também em torno do nome secreto de um duende que ajuda uma rapariga e que lhe exige em troca o filho que irá ter — a não ser que esta descubra o seu verdadeiro nome. No último minuto, quando a rapariga está prestes a entregar o filho ao duende, é ele próprio quem, por distração e regozijo, o revela: Rumpelstilzchen.

Relativamente aos nomes as coisas parecem passar-se assim: preso por não ter nome, preso por o ter. Importante será contar com um vasto repertório de fórmulas para lidar com o mal causado ou a causar. Por isso mesmo, da tradição popular portuguesa fazem parte preceitos a cumprir rigorosamente para que se efectue uma ligação benéfica entre o nome e o destino da criança nomeada. Alguns exemplos mostram que “nomen est omen”:

aconselha-se a uma mãe com quatro filhas seguidas que dê à quarta o nome de Eva, para evitar que esta corra o fado, isto é, que ande sete anos ao pé dos lobos.¹³ Quanto à quinta irmã, terá de se chamar Jerónima sob pena de ela passar a ir, todas as noites, para as encruzilhadas, transformada em lobisomem¹⁴; havendo várias filhas numa família, uma delas dever-se-á chamar

¹⁰ Consiglieri Pedroso, *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1988, pp. 245-6.

¹¹ José Leite de Vasconcellos, *Etnografia Portuguesa*, VII, Lisboa, Imprensa Nacional, 1980, p.71.

¹² Antonino Pagliaro, *A Vida do Sinal.*, 2ª. ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

¹³ Teresa Joaquim, *Dar à Luz.*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1983, p.146.

¹⁴ *Ibidem*.

Maria, “para que exista tranquilidade na família”¹⁵; quando nascem a seguir sete (ou nove) filhos homens, o mais velho tem de ser padrinho do mais novo e chamar-lhe Adão, senão este é bruxo; o mesmo se passa com as raparigas, aconselhando-se, neste caso, a que a rapariga nascida em sétimo lugar, uma bruxa potencial, se chame Maria ou Eva¹⁶; o bebé que chora na barriga da mãe será adivinho e chamar-se-á Bento; também se chamará Bento o sétimo filho de uma família de rapazes para que não seja lobisomem¹⁷; as primeiras sementes devem ser lançadas à terra por uma moça chamada Maria; quando se pronuncia o nome do morto, acrescenta-se-lhe sempre “o falecido”, “o defunto”, “Deus lhe tenha a alma em descanso” para assegurar a sua presença no mundo dos mortos e não deixar que o nome pronunciado convoque a sua alma ou o seu espírito para assombrar o mundo dos vivos.

Para curar uma criança quebrada (com quebranto), à meia-noite em ponto do dia de S. João, abre-se um vime e coloca-se de um lado uma moça chamada Maria e do outro um moço chamado João, ambos ‘puros’, isto é, conforme a tradição, até à idade de dez ou onze anos. Diz o rapaz enquanto toma a criança nos braços:

“Maria! em louvor do Senhor São João
Toma lá o meu menino doente
E dá-me um são.”

Depois passa a criança através do vime para os braços da moça com o nome de Maria que responde, por seu turno:

“João! em louvor do Senhor São João
Toma lá o meu menino doente
E dá-me um são.”¹⁸

Em Mondim da Beira, conta Leite de Vasconcellos, para fazer desaparecer o nevoeiro, deve ir uma velha chamada Maria virar-lhe as costas, curvar-se um pouco para diante e levantar a saia.¹⁹

Conhecer a fórmula para afugentar o diabo, saber o nome com que se domina o outro ou nomear o filho de forma a que o mal o não perturbe, são restos de um antigo modo de *dizer/fazer*, vestígio de uma relação mágica com as palavras e com as coisas, patente na reza e, muitas vezes, na poesia. Em algumas sociedades prepara-se a boca e limam-se os dentes antes de falar²⁰: o nome secreto deve ser dito da forma certa, com canto e com encanto. Nesse seu saber perfeito, a

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ José Leite de Vasconcellos, *op. cit.*, p.119.

¹⁷ Teresa Joaquim, *op. cit.*, p.147.

¹⁸ Consiglieri Pedroso, *op. cit.*, p.119.

¹⁹ José Leite de Vasconcellos, *Tradições Populares de Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1984, pp. 84-5.

²⁰ “Sendo a fala material, é necessário que os órgãos por onde ela passa estejam preparados para a receber: daí a tatuagem da boca ou a limagem dos dentes que são símbolos da luz e do dia e que, depois de limados, se identificam com o caminho da luz. [São] ritos de preparação da boca para uma fala sensata...”, Julia Kristeva, *História da Linguagem*, Lisboa, Edições 70, 1974, p.90.

voz enuncia e faz abrir o sésamo (“Abre-te pérola!”, numa versão portuguesa), lança as sortes mas também a praga ou mesmo a morte.²¹

Uma crença tradicional portuguesa evidencia bem o poder do nome, capaz de agir sobre a morte: quando não se consegue vestir um defundo, chama-se-lhe pelo nome e ele obedece logo.

Tal como ainda hoje acontece com certas doenças, diz-se que se não se deve pronunciar o verdadeiro nome do Diabo para que ele não apareça; por isso mesmo, inúmeras expressões ou alcunhas o designam: belzebu, canhoto, decho, demo, diacho, dianho, mafarro, mafarrico, mefistófeles, não-sei-que-diga, porco-sujo, tardo, zarapelho, etc, etc, etc.²²

A propósito das fórmulas mágicas e da forma como são pronunciadas, do seu poder efectivo se forem rigorosamente pronunciadas, escreve Denys Thompson no seu livro sobre os usos da poesia. De notar, a propósito, que, ainda há poucos anos, um padeiro de Trás-os-Montes se recusou a repetir, para um grupo de estudo, a oração destinada a fazer crescer o pão, fora do seu contexto operacional, aguardando o momento oportuno —aquando da nova fornada— para a recitar:

Absolute accuracy— and often secrecy— in the use of spells is normal. Eskimo spells had to be expressed in exactly the right words and be performed with the right actions, because survival might depend on these observances.[...] The Navajo also insisted on accuracy in their long song sequences for healing ceremonies; they contained the inward experience of generations, so *no word may be altered or omitted, no gesture, dance or ceremony changed*. If such a cure proved ineffective it was taken to mean that some mistake must have been made in the performance. The magic power of the *karakia*, the mantic chant of Polynesia, depended on the form and manner of recitation; it must always be poetry and it always had to be sung [...] Poetry became magical because it was sung. [...] Poetry was developed because it was needed, as an art in which words do more than just make statements; and the way in which we metaphorically speak of enchantment is a survival from a time when poetry was practical and purposeful.²³

É por isso que a reza anda a par da poesia mas também (e principalmente) a par da música, do sortilégio que circula entre o vaivém do som e a etimologia da poesia, quando à fala não basta nomear mas fazer, fazer acontecer.

Ao contrário da palavra escrita, gravada aparentemente de forma definitiva mas passível de ser apagada, refeita, destruída, esta palavra ou este nome pronunciado uma vez, registado para sempre na efemeridade e na eternidade do tempo que demorou a dizer, inscreveu-se num outro lugar onde se existe na consciência de que “o que está dito, está dito”: “verba manent”.

Se, conforme o ditado chinês, “uma palavra é um pássaro que se solta de uma gaiola”, poder-se-ia dizer que uma reza é um nó com que se prende ou desata, com que se talha (... o mal pela raiz) ou liga, com que se enfeitiça ou fascina. De

²¹ Jeanne Favret-Saada, *Les mots, la mort, les sorts*, “Folio”, Paris, Gallimard, 1977. É sabido que, no Haiti, o feiticeiro Voodoo pode causar a morte de um elemento da tribo pelo simples pronunciar da condenação à morte. Cite-se ainda um excerto de um texto de Ursula LeGuin: “Num lugar escuro a vida pode ser chamada sobre a luz, nomeando-a. [...] Invocar a coisa que não está de modo nenhum ali, chamá-la pelo verdadeiro nome, é uma grande mestria, não usada com ligeireza. Não é coisa que se faça apenas por causa da fome.”, *O Feiticeiro de Terramar*, Lisboa, Livros do Brasil, 1968.

²² José Leite de Vasconcellos, *Etnografia Portuguesa*, VII, p.245.

²³ Denys Thompson, *The uses of poetry*, Cambridge University Press, 1974, p.47. Sobre este assunto, recorde-se o hoje cientificamente reconhecido poder do “terpnoslogos”, a voz que terá curado Ulisses e que actua sobre diferentes níveis de consciência, estimulando-lhe a tonicidade. Cf. a recente descoberta do papel da oxitocina na interacção mãe-filho (“A hormona da bem aventurança”, *O Público*, 10 Março 1994); também as teses do médico A. Tomatis sobre o ouvido e a linguagem.

notar que a palavra ‘fascínio’ (encanto, feitiço) tem uma etimologia próxima da palavra ‘faixa’ (ligadura): *fascinum* e *fascia*. *Ligare*, por sua vez, também significa encantar, prender, cativar e está na origem do termo religião. Nas práticas tradicionais, cura-se um membro doente atando-lhe um fio, dando um nó. Também se fala em talhar a doença, cortar o ELO de ligação ao mal, desligar o que estava indevidamente ligado. Acompanha essa prática, quase invariavelmente, a voz do curandeiro pronunciando uma oração.

Estabelecer um ELO de ligação, ligar no sentido religioso do termo parece ser o princípio da oração, o acontecimento que, à partida, cada palavra é: em hebreu, *dabar* significa, justamente, palavra e acontecimento, criação.

Aqui e ali, em rezas ou poesia, no acaso ou certeza de certa modulação de voz, as palavras adquirem, por vezes, um outro ânimo e pousam, com este espírito, nos nomes, nos nossos nomes. Manifestando uma relação decerto intensa, os nomes funcionam, pois, como restos ou subtis vestígios da linguagem na sua primeira atitude, mágica.

Se, para os esquimós, o homem se compõe de três partes: corpo, alma e nome, se nos exorcismos a dominação se exerce pelo nome e por isso mesmo, em muitas sociedades ele permanece secreto ou é solenemente transmitido de geração em geração²⁴, então talvez se compreenda porque, ainda hoje, se dá importância ao nomear quem nasce. Tornadas ou não públicas, reconhecidas familiarmente ou não, sempre há razões para os nomes que trazemos connosco. Sabem-nas os pais e muitas vezes nós também: o nome do padrinho ou da madrinha, o nome do santo do dia do nascimento ou da santa da devoção dos pais ou padrinhos, o nome do avô em sua memória, o do familiar perdido, o herói da televisão, a amiga que assistiu ao parto, o político admirado ou o nome com cinco letras, começado por M, N ou G, o nome da menina da vizinha a cuja situação social se aspira, o nome do pai, o nome da mãe, etc.. Também o nome de Custódio, caso aconteça como a Emílio, personagem do romance *A Sibila* de Agustina Bessa-Luís:

Como todas as crianças antes do baptismo são chamados Custódios pelo povo, aos quatro anos designavam-no apenas como tal (tinha sido registado com o nome de Emílio) e nunca o reconheceram com outro nome. Custódio ficou, portanto.²⁵

Un prénom pour toujours e *L’arbre et le fruit*²⁶ são, significativamente, os títulos de duas obras publicadas em França em que se prova a importância da tradição e da moda na escolha do nome do recém-nascido. Pouco, muito pouco se deve ao acaso. Quer por cumprimento de determinadas regras religiosas ou sociais, quer por intuição sobre o poder de um nome a dar, quem nomeia sempre repete o acto do primeiro homem. E assim marca quem é nomeado. Das duas uma:

ou, conforme a *Iliada*, “Aquiles sofrerá o que o destino, quando do seu nascimento, teceu para ele com o linho, quando a mãe o deu a luz...”;

ou, conforme a tradição popular, no seu nome habita a luz que há-de herdar aquele que o transporta.

Porque nos chamamos nós assim? Assenta-nos o nome que nos coube? Não somos, decerto, tão fascinantes quanto o é a personagem de *Through the Looking Glass* chamada Humpty Dumpty, cujo nome e cuja fisionomia se adequam tão

²⁴ “Je m'appelle Jean-Maurice Marie Waldruche de Montremy (Il est plus dur de porter un nom à rallonge ou d’hériter d’une histoire que de rêver à des généalogies fantastiques)” ; “De la snoblesse (Certains gens portent trois noms de peur d’en manquer)”, *Autrement*, n° 89 (Abril 1987), pp.2-3.

²⁵ Agustina Bessa Luís, *A Sibila*, 5ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, p.138.

²⁶ Philippe Besnard, Guy Desplanques, *Un prénom pour toujours*, Ballard, 1986 ; Jacques Gélis, *L’arbre et le fruit*, Fayard, 1985.

perfeitamente que Alice, espantada, exclama: “It can't be anybody else! I'm as certain of it as if his name were written on his face!”

No poema *A Antonin Artaud*, Mário Cesariny de Vasconcelos fala do nome como “caricatura”, “feixe de estruturas”:

Haverá gente com nomes que lhes caiam bem.
Não assim eu.
[...]
Por outro lado, se eu tivesse um nome
um nome que me fosse realmente o meu nome
isso provocaria
calamidades
terríveis
como um tremor de terra
dentro da pele das coisas

Teremos realmente a cara daquilo que nos chamaram? Que rosto era o nosso se o nosso nome tivesse sido outro? A julgar pelas práticas tradicionais referidas (apenas algumas de entre inúmeras...) e por aquilo que os poetas dizem, parece que no nó que nos liga ao nosso nome —à nossa linhagem ou ao nosso destino— sempre hão-de ficar coisas por desembaraçar.

... e depois, por causa de todas estas peripécias que lhe foram acontecendo, ELO prometeu nunca mais desobedecer ao nome que lhe tinham dado, respeitando-o muito bem respeitadinho. Uma velha muito velha, amiga do tal homem muito sábio —o que tinha os olhos muito grandes!— encontrou-a, passados muitos anos, e ela lá ia por aquele caminho dela, cumprindo muito bem com as suas obrigações. E, por isso, foi e fez os outros muito felizes...